

AMADURECER E VIVER: ASSOCIANDO SABERES NA UNIVILLE

Responsável pelo trabalho: MORGENSTERN. Elenir

Área temática: trabalho

Instituição: Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)

Autores: MORGENSTERN. Elenir¹; LORENZI. Rita de Cássia²; EVERLING. Marli³; AGUIAR. Victor⁴.

RESUMO

O presente artigo discorre acerca da vivência e experiências desenvolvidas junto ao projeto de geração de renda ‘Amadurecer e viver: associando saberes na UNIVILLE (AmaViva)’. A capacitação para o empreendedorismo e o alargamento das fronteiras que separam os saberes artesanais/populares e os conhecimentos acadêmicos/científicos está no escopo deste projeto de extensão. Configurando-se em uma parceria entre UNIVILLE (Universidade da Região de Joinville) e SAS (Secretaria Municipal de Assistência Social de Joinville/SC), o projeto congrega artesãs, remanescentes de projetos que capacitam para geração de renda, com vistas à produção e comercialização associada de artefatos. O público alvo é constituído por 20 mulheres provenientes dos projetos “Geração de renda: Mulher Sempre-viva (SempreViva)”; “Amadurecer com Fibra” (AMAR); e, Design na Economia Solidária: qualificação e valorização da produção artesanal joinvilense (ECOSOL). A metodologia proposta consiste em reuniões semanais para a produção de artefatos, atendendo à demandas da comunidade Joinvilense, considerando-se: circulação, distribuição, apresentação, precificação e venda dos produtos. O projeto investe na capacitação continuada das integrantes, promovendo oficinas com foco em empreendedorismo, gestão de processos e produção técnica em serigrafia, modelagem e costura. Os principais resultados referem-se ao leque de produtos apresentados no portfólio do projeto, a integração entre ensino, pesquisa e extensão, e ao alargamento das fronteiras culturais, sociais e individuais que propiciam a integração entre universidade/saber acadêmico e comunidade joinvilense/saber popular.

Palavras-chave: mulher; trabalho; renda.

INTRODUÇÃO

Anualmente muitas mulheres são capacitadas pelos projetos de geração de renda, desenvolvidos junto à Área de extensão universitária e vinculados aos Departamentos de Design e de Administração da UNIVILLE (Universidade da Região de Joinville). Os projetos, que atendem mulheres consideradas como de baixa renda, cadastradas junto à Secretaria de Assistência Social, desenvolvem-se ao longo de um ano e propiciam formações diversificadas (serigrafia, patchwork, modelagem e costura, fibras naturais, economia solidária, entre outras). Ao final de um ano de capacitação, muitas participantes manifestam o desejo de continuar as atividades. O presente artigo discorre acerca da vivência e experiências do projeto AMAVIVA – “Amadurecer e viver: associando saberes na UNIVILLE. Este projeto, que congrega artesãs remanescentes de outros projetos, propõe o alargamento das fronteiras culturais, sociais e individuais. Ao agrupar artífices

¹ Professora no Curso de Design da Univille e responsável pelo projeto.

² Ex-aluna do Curso de Design da Univille e responsável técnica do projeto

³ Professora no Curso de Design da Univille e responsável pela gerencia da imagem do projeto AMAVIVA.

⁴ Coordenador geral do projeto AMAVIVA.

com diferentes habilidades e conhecimentos, propõe a expansão das fronteiras culturais e ao promover a integração entre grupos diversos, propicia ultrapassar os limites sociais e individuais. O projeto, no âmbito da UNIVILLE, tem se apresentado como processo motivador de experiências no ensino e investigações na pesquisa. No intuito de desdobrar as experiências do projeto AMAVIVA apresentamos, na seqüência, algumas questões que consideramos fundamentais e que destacam a integração entre ensino, pesquisa e extensão.

HISTÓRICO DO PROJETO E DESDOBRAMENTOS METODOLÓGICOS

Desde 2006, um número considerável de artesãs é capacitado pelos projetos de geração de renda vinculados a área de extensão da UNIVILLE (em torno de 300 pessoas vinculadas aos projetos SEMPREVIVA, AMAR, ECOSOL e MATURA). Ao término de um ano de capacitação, algumas montam seu próprio negocio ou integram-se ao mercado de trabalho. No entanto, muitas sentem necessidade de prosseguir suas atividades integradas a área de extensão da universidade.

Ao final de 2008, um grupo de mulheres, após passarem pelo primeiro ano de formação do projeto 'Geração de Renda: Mulher SempreViva', solicitou permanência no projeto, para o ano seguinte. Consonante a intenção desse grupo, a Secretaria de Assistência Social sugeriu o desenvolvimento de um trabalho específico para esse grupo. Não sendo viável atender novos integrantes, juntamente com os já capacitados, optamos por atender a esse grupo separadamente, mesmo sem dispormos de verba e projeto oficialmente aprovado. O foco do grupo, diferentemente de seu primeiro ano de capacitação, centrou-se no desenvolvimento de artefatos conforme demandas e de acordo com projetos desenvolvidos no primeiro ano de capacitação. Assim, em 2009, constituiu-se, informalmente, esse trabalho associado, com aval da Pró-reitoria de Extensão (na pessoa da professora Berenice Zabbot Garcia, então chefe da Área de Extensão e atual Pró-reitora deste setor) e da chefia do departamento de Design (na pessoa da professora Marli Everling, então, chefe do departamento).

O trabalho dos professores, no decorrer de 2009, foi voluntário. Os estagiários envolvidos também foram voluntários. Como técnica responsável pelo projeto contou-se com uma ex-aluna do curso de Design da UNIVILLE (Rita de Cássia Rothbarth Lorenzi). A matéria-prima para o desenvolvimento dos produtos consistiu em doações de empresas que se fizeram parceiras do projeto.

Ao final de 2009 o projeto foi submetido ao edital de demanda interna da UNIVILLE, sendo aprovado para implantação no ano de 2010. As oficinas desenvolvidas em 2010 primaram pelo aperfeiçoamento dos saberes técnicos e estéticos adquiridos nos anos anteriores (em seus projetos de origem); na preparação para o trabalho associativo; na capacitação para o gerenciamento da produção e comercialização dos artefatos. Posteriormente percebemos a necessidade de investir no desenvolvimento de uma identidade visual para o grupo AmaViva (integrando: marca para o projeto;

marca para os produtos desenvolvidos; produção de fotos dos produtos em studio; desenvolvimento de portfólio físico e virtual; organização de um kit com modelos de cada um dos produtos desenvolvidos pelo grupo e disponíveis para encomendas). Apostamos no desenvolvimento desta identidade visual pela necessidade de dar visibilidade ao projeto, ampliar o numero de parceiros e ter elementos demonstrativos do potencial do grupo e da qualidade dos produtos desenvolvidos, visando prospectar pontos de venda e ampliar a comercialização gerando renda as integrantes do projeto. Optamos pelo desenvolvimento de uma marca (diferente do nome do projeto) para os produtos desenvolvidos e comercializados.

Atualmente, o projeto AmaViva, com encontros semanais que ocorrem nos laboratórios da universidade (modelagem, costura, serigrafia), empenha-se no desenvolvimento de novos produtos, associando saberes artesanais (fruto da cultura do grupo integrante) e saberes acadêmicos (fundados em metodologias de design). Ou seja, o projeto intenta promover a produção dos artefatos artesanais por meio de práticas partilhadas, possibilitando a participação cooperativa sob princípios colaborativos. Entendemos que, conforme Namorado (<https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream>), compreender o fenômeno cooperativo e as realidades sociais, que com ele partilham valores e princípios, para melhor poder contribuir em seu desenvolvimento, tendem a ser, cada vez mais, um elemento estratégico na conquista do futuro. Namorado (*idem*, p.18) destaca um princípio, freqüentemente presente no cooperativismo, que é a preocupação com um trabalho voltado ao desenvolvimento sustentável para as comunidades, pautado na economia solidária, orientada por políticas aprovadas por seus membros, definindo a própria autogestão, em assembléias. Assumimos esse princípio e almejamos, junto ao grupo AmaViva, disseminar as ideias da economia solidária, pautadas, como destaca Candeias (p. 18) na gestão coletiva dos processos de produção, visando controle e administração do capital. Compreendemos que, conforme destacam Gawlak e Turra (2001, p. 11), a partir do momento em que a pessoa absorve o senso de cooperação, vai perceber que não está sozinha e que, tanto suas atitudes quanto seus pensamentos vão estar em contato com as atitudes e pensamentos de outras pessoas, que partilharão do mesmo sucesso como verdadeiros empreendedores.

O projeto conta com apoio de um número considerável de estagiários voluntários, estagiários cadastrados pelo artigo 170 e pesquisadores de iniciação científica (PIBIC) vinculados. As proposições do projeto têm gerado temas de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) e de PIBIC. Por meio do trabalho desenvolvido junto ao projeto AmaViva compreendemos, bem como destacam Pozz e Busato, que estamos reforçando o papel das atividades extensionistas como um dos caminhos importantes no processo de (re) construção da cidadania das classes populares, bem como de uma formação cidadã. (POZZ e BUSATO, p. 153, 2009). Em nossa experiência, entendemos como efêmeras as fronteiras que separam o universo acadêmico (constituído por alunos, professores e saberes científicos) do universo popular (integrado pelos saberes populares e pelas artesãs do AmaViva).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para que se alcance sucesso no fechamento do ciclo de geração de renda com a venda dos produtos por um preço justo, é preciso gerenciar positivamente a marca do projeto. Assim, o projeto AMAVIVA investiu na geração de uma marca única para os produtos oriundos dos projetos de geração de renda vinculados a UNIVILLE. Independentemente do projeto em que os produtos foram gerados, eles são apresentados nos pontos de venda sob a marca SempreFlor. Esta marca é resultante dos conceitos percebidos pelas participantes dos projetos de geração de renda em andamento e de um *brainstorming* realizado com os professores que ministram oficinas; os conceitos e valores identificados e que se procurou expressar na marca são: sustentabilidade, qualidade, cooperativismo, personalização e também maternidade, com produtos feitos artesanalmente com amor e carinho de mulheres mães, para mulheres filhas e amigas, repassando o aprendizado num intuito de melhoria na qualidade de vida da família. Com o passar dos anos, e por meio de nossas retrospectivas, percebemos que o projeto tornou-se maior que o seu foco inicial.

Dentre os produtos desenvolvidos e comercializados pelo projeto AmaViva destacam-se aventais masculino e feminino para churrasco, aventais para jardinagem, sacolas retornáveis e estojos (para projeto de desenho animado ambiental), toalhas e camisetas (para pet shop), estojos, aventais e porta trecos de banner para alunos do Colégio (projeto resultante de pesquisa de PIBIC da aluna Silvana Silva Souza), eco bags em jeans, bolsas para praia com aproveitamento de banners. Por fim, bolsas, porta celular, faixas para cabeça e saquinhos para colocação de sapatos, utilizando sobras de tecido. Os produtos vem sendo comercializados em eventos como a Semana da Comunidade e GAMP (ambos eventos promovidos pela universidade), 'Dia da jardinagem' em parceria com o Museu de Arte de Joinville, 'Dia do Idoso' em parceria com o Projeto 'A Matur(a)idade na UNIVILLE'. Como também, na participação em feiras realizadas junto a Festa das Flores, Natal e Mercado das Pulgas (na Estação Ferroviária) em parceria com a Economia Solidária de Joinville.

Diante do valor arrecadado das vendas realizadas, 95% é dividido em partes iguais para os integrantes e os 5% restantes, investido na compra de matéria prima faltante como botões, agulhas, miçangas, cordões, cola de tecido e termolina que, em momentos de emergência, se faz necessária a compra imediata. Nos empenhamos por organizar e disponibilizar registros de controles como: Livro Caixa, Movimento de Produto Acabado, Controle de Matéria-prima, Vendas e Controle de Frequência dos integrantes.

Os registros imagéticos das oficinas realizadas, produtos desenvolvidos, parcerias estabelecidas, e demais dados, encontram-se disponíveis no *site* que congrega os projetos integrados ao AmaViva: www.sempreflor.net. Este *site*, bem como a marca para os produtos desenvolvidos (SempreFlor) e a logo para o projeto (Ama

Viva) foram desenvolvidas com apoio da aluna Marianna Raposo (PIBIC) e do aluno Jan Oliveira (TCC).

A Secretaria de Assistência Social, em parceria com o SEBRAE, está investindo esforços na criação de uma Associação única de Geração de Renda, envolvendo todos os Projetos vinculados à Prefeitura. É nesta direção que pretendemos seguir com o projeto AmaViva. Esse cadastro, enquanto Associação vinculada à prefeitura, evitará gastos onerosos e resultará em possibilidade de aquisição de matéria prima e equipamentos com menor preço. Ainda, facilitará o processo de comercialização dos produtos mediante nota fiscal.

CONCLUSÃO

Entendemos que apenas um ano, de formação básica, muitas vezes, é insuficiente para modificação de atitudes. Ou seja, o perfil do público alvo desses projetos requer constante incentivo e motivação que os impulse a acreditar e investir em seu potencial. Assim, o estímulo e a promoção de ações em grupo podem motivar as mulheres envolvidas a prosseguir. Ainda, percebemos a necessidade de ampliar as fronteiras entre diferentes formações e diversificados grupos, com vistas à produção e comercialização associada de artefatos.

Ao congregarmos artesãs, capacitadas pelos projetos de geração de renda da UNIVILLE, investimos em sua qualificação profissional permanente. Nesse sentido, aspiramos estimular a integração ao mercado de trabalho por meio de atividades empreendedoras organizadas de forma associada. Entendemos que, desta forma, investimos na capacitação de mulheres empreendedoras ao invés de assalariadas, integrando-as ao mercado de trabalho, atendendo, assim, ao item c art. 2º da Resolução nº 177 de 10/08/2000 do Conselho Nacional de Assistência Social.

Acreditamos que a resolução de problemas sociais apóia-se na colaboração entre indivíduos, setores e instituições. E neste sentido, por meio da proposta AmaViva, objetivamos a superação de fronteiras individuais (entre as participantes), fronteiras intra-institucionais (pela colaboração entre os departamentos de Administração e Design e a Área de extensão) e fronteiras inter-institucionais (entre a UNIVILLE e a Prefeitura Municipal de Joinville) visando estender o conhecimento gerado na universidade para artesãs que tem interesse em qualificar o seu trabalho para contribuir com sua renda.

REFERÊNCIAS

- CANDEIAS, Cezar Nonato Bezzerra; MACDONALD, José Brendam; NETO, José Francisco de Melo. **Economia solidária e auto-gestão – ponderações teóricas e achados empíricos.**
- GAWLAK, Albino; TURRA, Fabianne Ratzke. **Cooperativismo: filosofia de vida para um mundo melhor.** 5. ed. Curitiba: s.n. 2001.
- NAMORADO, Rui. **Cooperativismo – um horizonte possível.** Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream> . Acesso em 23 out. 2010.
- POZZO, Maria Elizete; BUSATO, Maria Assunta. **Extensão universitária: reflexão e ação.** Chapecó: Argos, 2009.

Extensão/Cooperação rural: desenvolvimento comunitário como práxis em
Psicologia no sertão cearense

Área Temática: Trabalho

Responsável pelo trabalho: Denise Costa Rodrigues

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Autores: Denise Costa Rodrigues; David Vieira de Araújo; Antonio Alan Vieira
Cardoso, James Ferreira Moura Junior e Verônica Morais Ximenes.

Resumo

A ação extensionista desenvolvida pelo Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM), vinculado à Universidade Federal do Ceará visa o desenvolvimento comunitário da região do Médio-Curu desde 2005. Pretendemos aqui apresentar o desenvolvimento comunitário como perspectiva de práxis em Psicologia Comunitária na área rural, em um processo de fortalecimento de grupos existentes na região, bem como dos sujeitos comunitários. Para tanto utilizamos a extensão/cooperação universitária. Situamo-nos em campo enquanto facilitadores que atuam orientados pelas demandas apresentadas pela comunidade. A nossa atuação na comunidade de Canafístula está atualmente focada no desenvolvimento do sujeito comunitário, compreendendo este como indivíduo ativo no processo de transformação da realidade comunitária. Estamos junto a um grupo de estudantes e de jovens da comunidade, facilitando processos de aprofundamento de consciência dos seus integrantes e possibilitando uma visão mais ampliada e crítica em relação ao contexto comunitário e sobre suas formas de atuação na comunidade.

Palavras-chave: Extensão/Cooperação; Desenvolvimento Comunitário; Psicologia Comunitária.

Introdução

Segundo Barreto, Santos e Manso (2009), 59% das pessoas na extrema pobreza – aquelas que têm renda inferior a R\$70 por mês – estão no Nordeste de nosso país. O Ceará, estado que possui 4,4% da população brasileira, agrega quase 10% das pessoas em extrema pobreza do Brasil. Unindo-se a isto temos as implicações sociais e simbólicas que a pobreza implica (GÓIS, 2008), resultando em fatores que podem fazer parte da vida das pessoas em imersas em condições de pobreza, como desagregação familiar e comunitária, alcoolismo, drogadicção, servilismo, anomia e violência.

A ação extensionista desenvolvida pelo Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM), vinculado à Universidade Federal do Ceará, a partir do Projeto de Extensão “Desenvolvimento Comunitário na Região do Médio Curu (Sertão do Ceará): Psicologia Comunitária e Comunidades Rurais” visa o desenvolvimento comunitário dessa região, existindo desde 2005.

Entendemos como desenvolvimento comunitário processos de conscientização dos moradores das comunidades acerca de sua realidade; construção coletiva das decisões que visam o desenvolvimento da comunidade; fortalecimento das capacidades individuais e coletivas de transformação da comunidade; e libertação dos sujeitos das condições opressoras, que impedem as relações dialógicas e as atuações transformadoras no contexto comunitário. Percebemos, então, que esses processos constituem novos caminhos de enfrentamento de realidades opressoras, como a da pobreza em seus níveis material, simbólico e social. (XIMENES et al, 2008.)

Pretendemos aqui apresentar o desenvolvimento comunitário como perspectiva de práxis em Psicologia Comunitária na área rural, em um processo de extensão/cooperação universitária para o fortalecimento de grupos existentes nos locais de atuação, bem como dos sujeitos comunitários. Concebemos como práxis a fusão da teoria e da prática. No entanto, para o desenvolvimento dessa perspectiva, percebemos que o Ensino e a Pesquisa são ferramentas fundamentais. Assim, realizamos grupos de estudos sobre as temáticas concernentes a realidade do campo de atuação e estamos desenvolvendo uma pesquisa feita pelos extensionistas para compreender a dinâmica comunitária e, conseqüentemente, haver uma maior inserção na comunidade.

Material e Metodologia

Esta ação extensionista é desenvolvida desde 2009 no município de Apuiarés, que fica a 114 quilômetros de Fortaleza, tendo atuação nas comunidades de Riacho do Paulo e Canafístula, estando atualmente restrito a última. Anteriormente, era realizada no município de Pentecoste. Fazem parte desta atuação três estudantes de Graduação em Psicologia da UFC e um estudante de Mestrado em Psicologia da UFC vinculados ao NUCOM, em parceria com a Escola Popular Cooperativa (EPC) de Canafístula. A atuação acontece quinzenalmente, aos finais de semana. A cada semana ocorrem reuniões de supervisão com o intuito de avaliar o processo extensionista com foco no ensino e na pesquisa entre os participantes do projeto vinculados ao NUCOM.

Baseamo-nos na crítica pautada por Paulo Freire (1977) quanto ao termo Extensão e suas implicações – estender sobre, de um local que “possui” a outro que “não-possui” – e no modelo de intervenção proposto por Góis (1993) como Comunitária ou Política, que possui como princípio o reconhecimento da força e das capacidades dos moradores e objetiva a transformação do indivíduo-coisa em indivíduo-sujeito. Utilizamos também o modelo de intervenção proposto por Ximenes et al (2007) denominado de cooperação universitária. Este modelo de fazer extensão parte dos pontos já mencionados, e propõe, uma co-operação “no sentido de atuação conjunta, onde não há uma hierarquização do saber-fazer, onde os saberes, apesar de diferentes, possuem a sua importância e é a partir desta diferença que o novo poderá ser criado” (XIMENES et al, 2007, p. 34). Colocamo-nos em campo enquanto facilitadores que atuam orientados pelas demandas apresentadas pela comunidade.

Enfatizamos atitudes de investigação na ação extensionista, porque percebemos que a atuação tem que estar pautada no respeito, na valorização e na problematização da realidade social da comunidade. Nossa possibilidade de compreensão de uma comunidade dá-se por meio do olhar de pesquisador. A observação participante é, portanto, o método escolhido para, segundo Angrosino (2009), o entendimento da realidade social e dos sujeitos locais. Utilizamos a técnica do diário de campo para sistematização dessas informações (MONTERO, 2006).

Desde 2009, o projeto tem atuado junto aos jovens da Escola Popular Cooperativa, que agrega pessoas de Canafístula e de comunidades circunscritas. Uma das ações é um grupo de protagonismo juvenil que têm se orientado para o fortalecimento dos sujeitos e do seu potencial crítico - etapa fundamental para o desenvolvimento comunitário. Os encontros ocorriam de forma quinzenal, tendo como público principal os estudantes da escola popular cooperativa (EPC), na própria sede da EPC de Canafístula. A atuação segundo este formato se estendeu até o final do ano de 2010. Neste período foram utilizadas diversas metodologias para lidar com o grupo, como Círculos de Cultura (FREIRE, 1989), Círculos de Encontro (GÓIS, 2008), Rodas de Conversa (GÓIS, 2008), dramatizações, relaxamentos e metodologias improvisadas pela equipe.

No ano de 2011, a equipe se voltou para a re-inserção na comunidade que, segundo Araujo (1999) é um processo em que os atores se inserem e se aprofundam na realidade comunitária e suas problemáticas, sem, entretanto, se confundir com esta e esquecer sua posição diferenciada. Para otimizar o processo, iniciamos um mapeamento sócio- comunitário que consiste em uma pesquisa para entender a dinâmica comunitária e os sujeitos locais. Continuamos, igualmente, a trabalhar com o grupo de jovens, que no último semestre tem buscado agregar pessoas não-vinculadas à EPC.

Resultados e Discussões

A atuação do NUCOM na região do Médio-Curu sempre ocorreu em parcerias com grupos das comunidades, com uma vinculação que auxiliava e fortalecia o papel de cada componente da parceria junto à comunidade. Nestes anos, nossos parceiros foram a Agência de Desenvolvimento Local (ADEL), a Associação Comunitária dos Agricultores Canafístula (ACAC) e a EPC-Canafístula.

A demanda por articulação comunitária foi o principal chamado para a atuação do NUCOM na região do Médio-Curu. Na comunidade de Riacho do Paulo, a principal dificuldade estava na articulação dos apicultores para seu desenvolvimento econômico, o que implicava em prejuízo para a qualidade de vida das pessoas, que por sua vez apresentavam pouca mobilização comunitária para reivindicação e luta por mudanças estruturais do local. O trabalho foi no sentido de auxiliar o desenvolvimento de trabalhos cooperativos, visando geração de renda e de desenvolvimento para o lugar, com fortalecimento de vínculos afetivos, sociais e trabalhistas. Em Canafístula o foco esteve inicialmente em desenvolver trabalhos com produtores para desenvolvimento pessoal e comunitário e em propiciar autonomia para que o grupo pudesse se gerir e ter

continuidade mesmo depois do encerramento do projeto. Atualmente o nosso foco está no desenvolvimento comunitário por meio do protagonismo juvenil.

No segundo semestre de 2010, foi realizada uma Noite Cultural com o intuito de resgatar a história da comunidade e promover espaços de socialização e integração entre seus moradores. Até então o desenvolvimento dos sujeitos participantes do grupo estava desvinculado da realização de atividades comunitárias (GÓIS, 2008), atividades feitas pela e para comunidade. Esta ação comemorativa organizadas pelos jovens da EPC deu provas do avanço no processo de fortalecimento dessas pessoas enquanto moradores conscientes de sua realidade e deu seu potencial para transformá-la. Vale ressaltar que a transformação aqui não se restringe ao plano reflexivo, estando também no plano da ação. Em 2011.1 foi criado, junto aos jovens da EPC-Canafístula, o grupo Baluartes, cujo objetivo é “criar momentos de reflexão e discussão, unindo forças para transformar a nossa realidade”. É importante ressaltar que este objetivo foi criado pelos próprios jovens participantes do grupo.

Percebemos que estamos avançando no sentido de aproximar os jovens das questões coletivas de sua comunidade, de modo a pensá-las, reconhecendo-se enquanto atores sociais. Este tem sido um grande avanço diante da demanda colocada pelos moradores de Canafístula que em seus relatos costumam falar de duas juventudes da localidade: uma que não tem perspectivas de progresso e crescimento; e outra que busca a entrada na universidade como modo de crescimento pessoal, mas sem grandes perspectivas de devolutiva para seu lugar de origem. Assim, nossa atuação insere-se no sentido de fortalecer uma terceira via de juventude: uma que seja ativa, protagonista, preocupada com seus pares e com o desenvolvimento de sua comunidade.

Conclusão

A nossa atuação na comunidade de Canafístula tem se baseado, então, no desenvolvimento do sujeito comunitário, compreendendo este como indivíduo ativo no processo de transformação da realidade comunitária. Por meio do grupo de estudantes e de jovens da comunidade, estamos construindo um espaço de reflexão acerca das questões que permeiam a vida comunitária, facilitando processos de aprofundamento de consciência dos seus integrantes e possibilitando uma visão mais ampliada e crítica em relação ao contexto comunitário e sobre suas formas de intervenção, ou não, na comunidade.

Compreendendo a importância de uma atuação concreta na realidade, podemos falar da Noite Cultural, evento que foi pensado no grupo de jovens e que possibilitou o resgate da história da comunidade, possibilitando uma aproximação dos jovens com o restante da comunidade e o fortalecimento do sentimento de pertença à comunidade. A importância desse evento está também atrelada ao processo de autonomia dos jovens, que pensaram e estruturam toda a programação do evento, concluímos então que o grupo é realmente um espaço de discussão e também de intervenção na realidade.

Através de nossa atuação na comunidade, que é pautada atualmente na (re)inserção no campo e no grupo de jovens, podemos perceber que a extensão enquanto práxis implicada na transformação positiva da realidade é possível. A construção de conhecimento que se faz a partir da atuação prática traz uma contribuição essencial para uma formação em Psicologia que é permeada por um compromisso ético-político com as classes oprimidas e que se constrói como transformação da sociedade.

Referências

ANGROSINO, M. Etnografia e Observação Participante. Porto Alegre, Artmed, 2009.

ARAÚJO, R. C. O processo de inserção em psicologia comunitária: ultrapassando o nível dos papéis. In: BRANDÃO, I. R.; BOMFIN, Z. M. C. (orgs) Os Jardins da Psicologia Comunitária: Escritos sobre a trajetória de um modelo teórico-vivencial. Fortaleza: Pró-Reitoria de Extensão da UFC/ABRAPSO, 1999. P. 79-96

BARRETO, F. A.; MANSO, C. A.; SANTOS, J. A. S. O mapa da extrema indigência no Estado do Ceará e o custo financeiro de sua extinção. Relatório de Pesquisa Nº 5. Laboratório de Estudos da Pobreza, CAEN – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: <<http://www.caen.ufc.br/~lep/relatorios/rp5.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2009.

FREIRE, P. Educação Como Prática da Liberdade. Fortaleza: Paz e Terra, 1989.

_____. Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Saúde Comunitária: pensar e fazer. São Paulo: Editora HUCITEC, 2008.

MONTERO, M. Hacer para transformar: El método em Psicología Comunitaria. Paidós: Buenos Aires, 2006.

XIMENES, V.M.; AMARAL, C. E. M.; REBOUÇAS JÚNIOR, F.G; BARROS, J. P. P. Desenvolvimento local e desenvolvimento comunitário: Uma visão da Psicologia Comunitária. In: XIMENES, V.M.; AMARAL, C. E. M.; REBOUÇAS JÚNIOR, F.G. (org.); Psicologia comunitária e educação popular: vivências de extensão/cooperação universitária no Ceará. Fortaleza: LC Gráfica e Editora, 2008.

XIMENES, V. M.; NEPOMUCENO, B. B.; MOREIRA, A. E. M. M. Cooperação Universitária: Uma prática comunitária/libertadora a partir da psicologia comunitária. In: CORDEIRO, A. C. F.; VIEIRA, E. M.; XIMENES, V. M. Psicologia e(m) transformação social: práticas e diálogos. Fortaleza: Editora Aquarela, 2007

O DESAFIO DO TRABALHO COM FAMÍLIAS

ÁREA TEMÁTICA: DIREITOS HUMANOS

Artêmio Miguel Versoza¹;
Elizete Rodrigues de Oliveira²;
Michele Terumi Yassuda³;

RESUMO: O presente artigo apresenta o desenvolvimento inicial da construção de um Projeto de Extensão com famílias. O objetivo deste projeto é incluir as famílias das crianças atendidas pela Casa Dom Bosco, realizando um trabalho não só voltado para a criança, mas também pela família. Os resultados da atividade proposta colaboraram para contribuir na construção de uma proposta interdisciplinar de extensão universitária que hoje engloba várias áreas do conhecimento.

Palavras – Chaves: Família, Inclusão Social e Extensão.

INTRODUÇÃO

A família é marcada pelas constantes mudanças dos cenários ocorridos ao longo da história. Neste contexto, suas relações sociais enfrentam novos desafios e estabelecem novas prioridades. Significa dizer que a família vai se construindo socialmente em valores, culturais, morais, religiosos. Desta forma, outra direção entra em destaque: econômica, política, social, cultural e ideológica, ou seja, novos desafios advindos de suas demandas internas como do seu meio social.

Pensando na importância da “família”, propôs-se um trabalho de intervenção pelos acadêmicos do Curso de Serviço Social da Universidade Católica Dom Bosco junto às famílias das crianças atendidas pela Casa Dom Bosco, Instituição de atendimento sócio-educativo a crianças de 06-14 anos.

Para dar início a uma intervenção, e necessitando de maior conhecimento das famílias das crianças atendidas, foi proposto o desenvolvimento de um diagnóstico social junto a essa população. Dessa forma, a elaboração do Projeto de Extensão Inclusão Social com famílias poderia atingir seu real objetivo, ou seja, a partir do conhecimento da realidade e do levantamento das reais necessidades da população o projeto de extensão

¹ Assistente Social da Casa Dom Bosco.

² Professora do Curso de Serviço Social da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

³ Assistente Social da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

seria melhor fundamentado. Dessa forma, apresentamos a seguir os dados que fundamentaram a construção da proposta extensionista a ser realizada com famílias.

1. A fundamentação e a metodologia do Projeto

A família é um fato essencial na vida do ser humano, pois é neste espaço social que as pessoas juntam-se para viver em grupo, interagindo-se entre seus membros. Autores dimensionam que é no âmago da família que o ser humano se constrói, socializa e humaniza suas relações, na proporção em que são satisfeitas suas necessidades, permitindo-se o desenvolvimento da personalidade em sua plenitude.

A família constitui a instância básica, na qual o sentimento de pertencimento e identidade social é desenvolvido e mantido e, também, são transmitidos os valores e condutas pessoais. Apresenta certa pluralidade de relações interpessoais e diversidades culturais, que devem ser conhecidas e respeitadas, uma rede de vínculos comunitários, segundo o grupo social em que está inserida. (SIMÕES, 2008, p.185)

Conforme SARTI (2007, p.52) *“A família não é apenas o elo afetivo mais forte dos pobres, o núcleo de sobrevivência natural e espiritual, o instrumento do qual viabilizam e moldam seu modo de vida, mas é o próprio substrato de sua identidade social.”* Em poucas palavras, a família não é uma questão ontológica para os pobres. Sua importância não é meramente instrumental, mas se refere a sua identidade de ser social e constitui referência simbólica que estrutura sua explicação no mundo.

Dessa forma, foi proposto um levantamento de dados que pudessem embasar o desenvolvimento de um trabalho junto às famílias da Casa Dom Bosco, assim era necessário inicialmente conhecer esse universo. Para isso propôs-se a efetivação de um diagnóstico daquela realidade pelos acadêmicos, professores e técnicos do Curso de Serviço Social, através da construção do perfil sócio-econômico das famílias, assim como suas principais demandas.

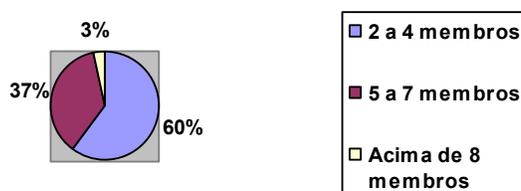
Foi elaborado um formulário semi-estruturado, de questões abertas e fechadas que pudessem contribuir para a construção efetiva da proposta extensionista. Houve um prévio mapeamento dos bairros que compõem o território do Bairro Taquaral Bosque e adjacências, nos quais residem as famílias das crianças atendidas pela Casa Dom Bosco e através de visitas domiciliares os acadêmicos extensionistas do Curso de Serviço Social recolheram dados que puderam contribuir para a efetivação do Projeto Inclusão Social com famílias.

Posteriormente a coleta e análise dos dados, realizaram-se a devolutiva à Instituição, como forma de conhecimento e atendimento as sugestões e expressões mencionadas pelas famílias.

2. Resultados e Discussões

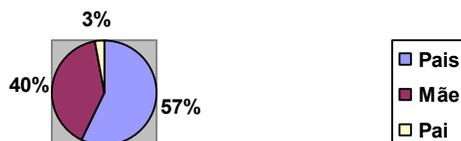
Com os resultados⁴ dos formulários aplicados em visitas domiciliares realizadas pelos acadêmicos extensionistas, os dados apresentados levantaram os seguintes aspectos sociais, culturais e econômicos das famílias atendidas pela Instituição MSMT Casa Dom Bosco, conforme segue abaixo:

Composição Familiar



Evidencia-se que a política econômica vigente no Brasil tem influenciado na vida do indivíduo e de seu cotidiano, diminuindo a taxa de natalidade.

Responsáveis Legais



Embora a incidência seja maior dos pais, as mães assumem a responsabilidade sozinha na educação e formação de seus filhos, passando a ser provedora em muitos dos lares.



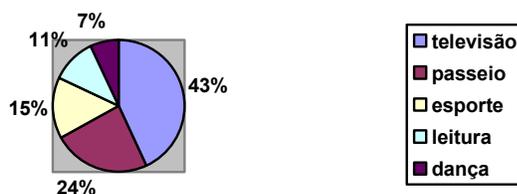
⁴ A composição dos resultados do levantamento com as famílias é bem mais amplo do que o apresentado neste trabalho.

Renda Familiar



Os dados sobre o rendimento familiar apontam para a concentração de riquezas produzidas por muitos trabalhadores, porém apropriada por poucos.

Lazer



Os espaços de lazer devem contribuir para o fortalecimento da cidadania e melhoria na qualidade de vida da população, porém pouco se oferece a este território.

Conforme 11% dos dados revelados foram reconhecidos pelas famílias que a convivência e as atividades oferecidas na Instituição têm contribuído para as relações sociais dos seus filhos nas diversas participações em atividades em grupo, gincanas, teatro, atividades esportivas, festas comemorativas, sempre visando à formação pessoal, na coletividade.

No desenvolvimento deste projeto os acadêmicos procuraram envolver as famílias, escutar sugestões e críticas que possibilitaram melhorias para a Casa Dom Bosco, partindo da categoria “participação”, onde de meros expectadores passaram a ser protagonistas. Através da identificação das famílias e de suas relações sociais, assim como demandas e necessidades, observou-se também a necessidade de um trabalho voltado também à família da criança atendida e não só para as crianças e notou-se um alto índice de desemprego, principalmente na população feminina, dessa forma foram sugeridas um trabalho de Oficinas de Geração de Renda para o empoderamento das famílias tanto nos direitos como na questão financeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória percorrida neste projeto possibilitou aos acadêmicos/extensionistas o olhar da subjetividade, ou seja, das coisas que não estavam aparentes. O acadêmico assume o desafio e mergulha neste universo deixando de lado o que era objetivo e o pensamento do senso comum. A realidade aprendida no cotidiano remete-os a uma nova visão.

A categoria participação esteve presente durante este processo, observando as expressões apontadas e apresentadas pelos acadêmicos, bem como, sua contribuição para melhorias do trabalho Institucional em relação à família e a comunidade. A idéia principal foi de identificar nas famílias atendidas pela Casa Dom Bosco suas relações ao meio social e possibilitar novas descobertas e reflexões para o debate em relação aos conceitos existentes na sociedade sobre a família.

A partir dessa ação inicial articulada pela pesquisa, o Projeto Inclusão Social com famílias foi construído com base no oferecimento de oficinas de geração de renda às famílias, através da inserção de acadêmicos de diversas áreas de conhecimento da Universidade Católica Dom Bosco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (org.) *A família contemporânea em debate*. 2.ed. São Paulo/SP: Cortez, 1997.

DOWBOR, Ladislau. A economia da família. In: *Família: Redes, Laços e Políticas Públicas*. São Paulo: IEE/PUC-SP, 2.003.

FILHO, Mário José e Dalberio, Osvaldo. *Família: conjuntura, organização e desenvolvimento*. Franca/SP: UNESP, 2007.

BRASIL. *Política Nacional de Assistência Social*. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Brasília/DF: 2004.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 4. ed. São Paulo/SP: 2007.

SARTI, Cyntia A. *Famílias Enredadas*. In: *Família: Redes, Laços e Políticas Públicas*. São Paulo: IEE/PUC-SP, 2.007.



O PAPEL DA PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA PARA UM CURSO DE FORMADORES DE INCUBADORAS PÚBLICAS.

Área temática: Trabalho.

Juliete Alves de Oliveira²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP – Campus Bauru-SP).

Juliete Alves de Oliveira²; Tatiane Tavares Menezes³; Celso Zonta¹.

Resumo

A prefeitura municipal de Bauru – SP apresenta como uma de suas políticas o Programa de Inclusão Produtiva, cuja finalidade é oferecer cursos para a população de baixa renda a fim de que obtenham meios de subsistência e desenvolvimento humano, através da parceria entre a Secretaria Municipal do Bem-Estar Social (SEBES) e instituições do terceiro setor. Criou-se um projeto para a instrumentalização dos profissionais que atuam nas instituições parceiras da SEBES, referente a princípios de Economia Solidária para que sejam capazes implementar incubadoras públicas baseados nessa forma de produção em parceria com a comunidade, com base na estrutura do Programa de Inclusão Produtiva. Um dos módulos visou à exposição e discussão dos fundamentos e metodologias de ação da Psicologia Social Comunitária. Reconhecendo-se que trabalhar com a comunidade implica saber conhecê-la, o objetivo desse módulo foi instrumentalizá-los com as contribuições dessa abordagem para a compreensão e trabalho com a população. A metodologia utilizada baseou-se no movimento ação – reflexão – ação, através da perspectiva dialogada refletida sobre a realidade em que os profissionais atuam, utilizando elementos da Pedagogia Histórico-Crítica (Síncrise, Análise, Síntese), articulados com os elementos teóricos de Paulo Freire (Ver, Julgar, Agir). Como resultado, obteve-se dos participantes o reconhecimento de que o trabalho comunitário requer um conhecimento sobre a comunidade, envolvimento e compromisso com ela e desenvolvimento de práticas pedagógicas que potencializem as ações dos sujeitos. Conclui-se que nesse módulo houve a problematização e compreensão da realidade, processos que mobilizam a consciência do outro e possibilitam a tomada de ações futuras.

Palavras Chave: Psicologia Social Comunitária, Economia Solidária, Instrumentalização.



1 – Doutor em Psicologia Social e professor do Departamento de Psicologia da UNESP – Campus de Bauru-SP.

2 – Graduanda do curso de Psicologia da UNESP – Campus de Bauru-SP.

3 – Graduanda do curso de Psicologia da UNESP – Campus de Bauru-SP.

Introdução.

A população atendida pela SEBES apresenta uma situação socioeconômica desfavorecida, baseada na exclusão característica do modelo econômico atual. Sendo assim, recebem o apoio da secretaria através de ações como o Programa de Inclusão Produtiva, que visa à formação de incubadoras públicas (grupos que geram renda a partir de uma dada atividade coletiva) como meio de favorecer a melhoria das condições de vida dessa população e seu desenvolvimento como indivíduo e cidadão. Entretanto, os profissionais que atuam junto a essa população (assistentes sociais, psicóloga e agente social) relataram dificuldades em desenvolver tais grupos. Esse fato demonstra como o trabalho com a comunidade implica em saber conhecê-la em seus diversos aspectos (sociais, culturais, estruturais, etc.) a fim de superar possíveis impasses. Considerando-se esse contexto, os conhecimentos da Psicologia Social Comunitária podem contribuir para a atuação desses profissionais com a população através da definição do que é comunidade, como desenvolver o sentido de comunidade, além de destacar a potencialização de grupos, por meio de uma perspectiva processual que respeite os princípios e finalidades explicitados, como um método para promover as incubadoras. Assim, ofereceu-se um curso de Economia Solidária, com duração de setembro a dezembro de 2010 e dividido em três módulos. O terceiro módulo referiu-se a aspectos da Psicologia Social Comunitária e fora ministrado por um professor responsável e duas estagiárias. Considerando que o fundamento da extensão universitária é a parceria entre universidade e comunidade, através de um diálogo em que prevalece a troca de conhecimentos sobre uma dada realidade, observa-se que as discussões realizadas e a metodologia utilizada seguiram esse movimento. A promoção desse espaço de problematização e instrumentalização sobre o trabalho com a comunidade voltado para esses profissionais também possibilitou que as estagiárias visualizassem as possibilidades e limites de atuação da Psicologia Social Comunitária. Através desses encontros também se obteve informações úteis para a possível constituição de outros projetos, como promover uma maior articulação entre as diversas secretarias (o que foi apresentado como demanda pelos participantes). Portanto, o objetivo do módulo apresentado foi proporcionar a esses profissionais um espaço para a reflexão sobre os aspectos constitutivos da comunidade, as relações nela implicadas e como trabalhar com a mesma, segundo o embasamento teórico da Psicologia Social Comunitária, a fim de instrumentalizá-los para a constituição de grupos que constituirão as incubadoras públicas.

Material e metodologia

Os encontros aconteceram na sede da SEBES, semanalmente, sendo dois encontros com o total de oito horas. A discussão sobre os elementos norteadores para o trabalho em comunidade providos da teoria e da prática em Psicologia Social Comunitária ocorreu através do movimento ação-reflexão-ação. A partir da perspectiva dialogada de refletir sobre a realidade, utilizou-se a articulação entre aspectos teóricos Pedagogia Histórico-Crítica (Síncrise, Análise e Síntese) com a teoria de Paulo Freire sobre educação popular (Ver, Julgar e Agir). Considera-se Síncrise/Ver como o ponto de partida da prática social, o concreto sensorial percebido, a mobilização do sujeito para a visualização das relações implicadas na realidade em que se insere. Já a Análise/Julgar remete a abstração, a separação dos elementos particulares e essenciais do todo caótico percebido inicialmente. É a teorização da prática através da participação ativa dos sujeitos na transformação dos conhecimentos empíricos em científicos, saberes novos e anteriores. Por fim, a Síntese/Agir é o retorno a prática social para transformá-la, o concreto pensado de forma mais elaborada que passa a guiar novas ações na realidade. Durante o módulo de Psicologia Social Comunitária, esse movimento se deu a partir da apresentação dos aspectos da realidade pelos participantes articulada aos conceitos teóricos apresentados pelos facilitadores do processo.

No primeiro encontro, introduziu-se a área temática a ser abordada e seus elementos principais. Utilizou-se a exposição de slides sobre o histórico da noção de comunidade; como se dá a construção de uma comunidade; níveis de participação e sentido da comunidade (ser; ter; tomar parte), entre outros. Propôs-se, em seguida, uma dinâmica de grupo, através da qual os participantes deveriam montar uma ficha baseada na seguinte afirmação: “A comunidade que eu tenho e a comunidade que eu quero” (ver quadro 01abaixo). Por meio da técnica de elaboração de fichas é possível identificar e visualizar esquematicamente aspectos do real, a situação ideal almejada e as possíveis pontes entre ambos. Assim, foi possível identificar as alternativas que existem na própria comunidade para a solução dos problemas citados e refletir sobre como fortalecê-las. O objetivo dessa atividade foi investigar a realidade em que a atuação desses profissionais se insere e conscientizar-los sobre as condições da comunidade, reconhecendo os seus problemas, suas características e identificar o que precisa ser melhorado/criado. Os materiais utilizados foram fita adesiva, cartolina, canetas coloridas.

Comunidade.

Realidade	Pontes entre real - ideal	Ideal
Conflito de liderança		Participação democrática e igualitária
Alienação da população		
Busca de interesses pessoais	Resgate da história pessoal e comunidade	
Preconceito entre os indivíduos		Respeito e tolerância
Ausência do sentimento de pertencimento	Desenvolvimento das relações interpessoais	
Ausência de competência argumentativa	Levantamento de interesse da temática/formular um plano coletivamente	Empoderamento dos indivíduos
Individualismo	Rompimento do individualismo buscando uma visão da coletividade	
Falta de comprometimento enquanto grupos e objetivos	Desenvolver ações grupais voltadas a reflexão, planejamento	Indivíduos comprometidos enquanto grupo
Baixa auto-estima das usuárias do serviço	Trabalho com a auto-estima	
Indivíduo não se sente parte das decisões e dos direitos		Atuação consciente em relação aos direitos e deveres
Falta de consciência crítica da realidade	Formação de consciência crítica	Visão crítica da realidade
Falta de habilidades de liderança e autonomia	Potencialidade de liderança	Autonomia, romper com paternalismo

Conflitos interpessoais		
Falta de escolaridade	Efetividade e articulação das políticas públicas	Melhoria da escolaridade
Desemprego	Compreender e sentir a realidade local	Oportunidade de trabalho e renda
Falta de espaço físico para convivência social e familiar	Políticas públicas efetivas	Criação de espaço físico convivência familiar e social
	Monitoramento e avaliação coletiva	

Quadro 01: Comunidade – Realidade, Pontes entre ideal/real, Ideal, construída pelos participantes do curso.

Durante o segundo encontro, ofereceu-se uma apostila elaborada com os elementos norteadores para um trabalho com a comunidade segundo a fundamentação teórica da Psicologia Social Comunitária. Apresentou-se também o de vídeo referente à incubadora de empreendimentos solidários desenvolvida pelo ITCP-USP, como exemplo concreto de uma experiência de cooperativa e o impacto dessa na vida de seus integrantes. Houve uma discussão sobre os aspectos do filme, comparando-o com os aspectos levantados pelos participantes no encontro anterior. Os facilitadores do processo concordaram que as participantes tinham a necessidade de expor suas problemáticas referentes ao trabalho que realizavam. Sendo assim, disponibilizou-se um tempo desse encontro para observações e críticas que esses profissionais apresentavam a respeito de sua realidade, das políticas públicas e da dificuldade de implantação de incubadoras. Após esse momento de decompressão, utilizou-se a apostila e slides sobre a temática comunidade elaborados pelo professor e pelas estagiárias responsáveis pelo módulo. Houve a confecção de cartazes e apresentação de vídeos que abordavam a temática da Economia Solidária. Realizou-se também o encerramento do módulo e a avaliação do mesmo.

Resultados e Discussões.

Através da proposta colocada “A comunidade que eu tenho e a comunidade que eu quero”, foi possível a elaboração do quadro 01. Este produto, resultante da reflexão das participantes do curso, demonstra como o Ver (saber observar a realidade), o Julgar (realidade deve ser codificada), podem propiciar um embasamento para um Agir que leve a transformação. Neste sentido, o objetivo da atividade de investigar a realidade vivida foi concretizado. Acreditamos que o caráter dialógico e reflexivo desencadeou esse processo. No segundo encontro foram expostas algumas questões que explicitam esse movimento, como: dificuldade de adquirir o capital inicial necessário para a implantação e manutenção das cooperativas; contradição da postura de quem oferece o serviço (visão paternalista do Estado) com a proposta do Programa de Inclusão Produtiva; problemática do encaminhamento do CRAS (Centro de Referência em Assistência Social) quanto à escolha dos cursos e a proposta de cooperativa; importância do facilitador e de sua convicção sobre seu trabalho (“que uma pedrinha jogada no mar pode formar uma onda”- participante); acompanhamento sistemático do trabalho que realizam; a habituação com a hierarquia (“eles [participantes do programa] querem um padrão”- participante); dificuldades em constituir grupos (o que acaba levando-as a ver resultados no âmbito individual, mas não coletivo); entre outras afirmações. Esses apontamentos indicam que os participantes estabeleceram relações entre as determinações da sua atuação, ou seja, alcançaram a dimensão do Julgar. O mesmo se deu em relação à comunidade. Através do relato de diversas situações

que presenciaram no trabalho com a comunidade, os participantes trocaram informações e problematizaram o que as determinava, a partir dos conceitos expostos. Ao final do processo, os participantes também demonstraram a compreensão de que o trabalho comunitário envolve um conhecimento sobre a comunidade (sua cultura, estrutura, etc.), envolvimento e compromisso com ela, além do desenvolvimento de práticas pedagógicas que potencializem os grupos comunitários.

Conclusões

Considerando-se os resultados apontados, pode-se afirmar que houve um processo de mobilização da consciência dos participantes ao problematizarem a realidade. Como citado, a mesma caracterizava-se por impasses no que se referia ao trabalho desses profissionais com a comunidade. Ao promover a reflexão sobre os determinantes da comunidade e como realizar o trabalho com ela, os participantes tiveram a oportunidade de observar e identificar os elementos do contexto em que atuam. Para tanto, realizou-se o movimento de Síncrise, Análise e Síntese, o qual contribuiu para a articulação entre os conceitos de Psicologia Social Comunitária e a realidade vivida, além de favorecer outras abstrações sobre a mesma (como a reflexão sobre as relações de trabalho dos participantes). Ressalta-se a relevância desse momento para esses profissionais que não dispõem de espaços semelhantes em sua rotina atribulada. Esse contexto é significativo na medida em que os mesmos estão em relação direta com a população, atuando como facilitadores no processo de desenvolvimento da mesma, o que requer um constante processo de Ver, Agir e Julgar. Entretanto, esses sujeitos não têm a sua disposição momentos delimitados para refletirem sobre os aspectos da comunidade e sua prática com ela. Isso ocorre devido às condições as quais suas atividades estão submetidas (longa carga horária, burocracia, falta de articulação entre profissionais e secretarias, acúmulo de atividades, etc.), as quais também foram brevemente problematizadas durante os encontros. A mobilização da consciência dos participantes pode ser exemplificada no discurso desses ao final do processo, que remetem a soluções para a problemática apresentada. Um exemplo é a identificação das articulações necessárias entre as demais secretarias como uma estratégia para promover seu trabalho com a comunidade. Além disso, também se discutem algumas propostas que poderiam melhorar o Programa de Inclusão Produtiva, como: proporcionar vivências grupais antes do início dos cursos; o acompanhamento dos mesmos por parte das estagiárias e professores que ministraram o curso de Economia Solidária, para o melhor reconhecimento da realidade e problematização desta; desenvolvimento de propostas de articulação com o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social); maiores informações sobre fundamentos e propostas da economia solidária, entre outras. Portanto, houve uma considerável conscientização e sensibilização desses profissionais sobre a realidade em que atuam, ao repensarem o que é uma comunidade e seus determinantes, o que também esboçou propostas de novas atuações em conjunto com a população no que se refere à implantação das incubadoras públicas e realização de outros projetos. A avaliação final desse módulo apontou as discussões e os conceitos apresentados como enriquecedores e geradores de reflexões válidas, segundo os participantes. A apostila disponibilizada também foi elogiada, por ser de fácil leitura e com conteúdos relevantes e passíveis de aplicação na realidade. Do ponto de vista acadêmico, esse contato com a realidade, através do relato dos profissionais, permitiu uma visão sobre o campo de atuação da Psicologia Social Comunitária, tanto em relação aos desafios quanto as possibilidades de atuação, que se apresentam em grande variedade.